

EDITORIAL

ENSINO DA CANCEROLOGIA

Fato número 1: o câncer ocupa nos dias atuais a segunda posição entre as causas de morte nas regiões sul e sudeste do Brasil. No Estado de São Paulo, calcula-se que mais de 90 mil novos casos de câncer ocorrem anualmente. Somente na cidade de São Paulo quase 10 mil pessoas morrem por esta doença todos os anos. Por outro lado, muitos casos da doença poderiam ser evitados, já que a maior parte dos fatores de risco é externa ou dependente de alguns hábitos de estilo de vida. Portanto, o câncer é um problema de saúde pública em nosso meio.

Fato número 2: o problema do câncer não tem merecido a devida consideração. Pouco se divulga desses números, e o que é pior, muito pouco tem sido feito para reverter este quadro. Programas de prevenção primária são setoriais, e ocorrem muitas vezes por iniciativas individuais de algumas instituições, porém desconectadas de programas mais abrangentes. Programas de detecção precoce até mesmo de câncer de colo uterino são deficitários. Alguns programas bem-sucedidos para diagnóstico de câncer bucal têm sido realizados somente em alguns centros, como Vitória e Goiânia, por exemplo.

Fato número 3: o número de casos em que a doença é diagnosticada em fases avançadas e já fora de possibilidades de qualquer tentativa de tratamento é assustador. Culpa-se geralmente o paciente por não ter procurado recursos há mais tempo. Mas seria isto verdade? Num estudo multicêntrico detectou-se que para o câncer da boca, que é de fácil diagnóstico, em 1/4 dos casos havia participação de um profissional da saúde no atraso diagnóstico. Culpar a ignorância da população e o despreparo dos profissionais também não cobre todo o espectro do problema. Muitos pacientes "culpados" na verdade procuraram assistência, mas a porta "do sistema" estava fechada. Outros não tiveram condições para procurar centros capacitados para o tratamento, apesar do diagnóstico ter sido feito de imediato.

Fato número 4: para que se possa reverter o problema a médio prazo é necessário o estabelecimento de um programa amplo de preparo de profissionais da saúde, passando pela reciclagem de todos os médicos e dentistas, e estabelecimentos de programas educativos (permanentes) para a comunidade.

Preparar o sistema de saúde para absorver a demanda é uma necessidade fundamental. De nada adiantaria aumentar o número de diagnósticos, se não for possível tratar corretamente todos os casos.

Para isto é preciso que o sistema de saúde seja revisto. É fundamental que os centros que atendem os casos mais complexos recebam a justa remuneração pelos serviços prestados. É necessário valorizar-se o papel dos médicos generalistas e dos dentistas no diagnóstico precoce e dos especialistas no tratamento.

Fato número 5: os futuros médicos e dentistas devem ser preparados nas faculdades para o exercício profissional, incluindo o diagnóstico do câncer. Infelizmente não existe na maioria das universidades brasileiras o ensino regular de oncologia, ou é ministrado de forma não muito entusiasta por não-especialistas na área, mais preocupados com doenças "mais frequentes do dia-a-dia", mas que matam poucas pessoas. Para que se possa pensar em controlar o câncer, obrigatoriamente devem ser preparados os futuros profissionais, capacitando-os para fazer o diagnóstico. Implantar o ensino da cancerologia em 100% das faculdades de medicina e odontologia já não deveria ser mais discutido.

Não existem argumentos que possam ser contrários a isto. De fato existe um. Quem está preparado para ensinar oncologia? Precisam ser preparados professores para estas universidades. As residências em oncologia prepararam muitos, e competentes, profissionais para tratar pacientes, mas poucos dedicam-se de forma sistemática ao ensino e à pesquisa.

Luiz Paulo Kowalski

*Diretor Científico da Acta Oncológica Brasileira,
Coordenador do Centro de Estudos do Hospital A. C. Camargo e
Diretor do Depto de Cirurgia de Cabeça e Pescoço do Hospital A. C. Camargo.*